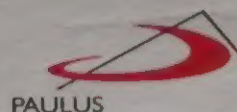
Alguns CONTOS & FÁBULAS

de Andersen

2

PAULUS

A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

A ROUPA NOVA DO IMPERADOR

A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Fazia um frio horrível, nevava e o dia escurecera. Era o último dia do ano, véspera do Ano Novo. Naquele frio e naquela escuridão perambulava pelas ruas uma pobre menina, cabeça descoberta e pés descalços. É bem verdade que ao sair de casa ela calçava chinelos, mas eram grandes demais, pois já tinham sido de sua mãe e, por serem tão grandes, a menina os havia perdido ao atravessar apressadamente a rua, no momento em que dois carros se cruzavam em disparada. Um dos chinelos não foi mais encontrado; o outro, levou-o um moleque, dizendo que faria com ele um berço quando tivesse um filho.

A menina caminhava descalça, os pés roxos de frio; carregava no seu velho avental uma quantidade de fósforos e segurava na mão um pacote. Naquele dia ninguém lhe comprara nada nem lhe dera uma moedinha; faminta, transida de frio, ela caminhava. Era a imagem do desalento, a pobrezinha. Os flocos de neve caíam-lhe pelos longos cabelos louros, que se encaracolavam ao redor do pescoço; mas não era nos caracóis de seus cabelos que pensava. Todas as janelas resplandeciam iluminadas e

flutuava na rua o aroma delicioso dos assados. Era véspera de Ano Novo e era nisso que ela pensava.

Abrigou-se entre duas casas, encolhendo-se contra a parede. Embora se sentisse transpassada de frio, não ousava voltar para casa, pois não vendera sequer um fósforo, não ganhara nenhuma moedinha, e seu pai a espancaria. E depois, em casa também fazia frio. Eles moravam em uma água-furtada onde o vento penetrava, embora as frestas mais largas tivessem sido tapadas com palha e trapos. Suas mãozinhas estavam quase mortas de frio. Ah! como um fósforo lhes faria bem. E se ela ousasse tirar um do pacote e o esfregasse contra o muro para aquecer os dedos? Pegou um fósforo e, schift! que bela chama se elevou! Uma chama quente e clara, como a de uma velinha, que aquecia tão bem a mãozinha gelada que a protegia como uma concha.

E que extraordinária era aquela chama! A menina tinha a impressão de estar sentada diante de uma grande estufa de ferro, toda adornada de reluzentes incrustações de cobre. Uma chama ardia deliciosamente, difundindo um agradável calor. Mas... que estava acontecendo?... Ela já estendia as pernas para a estufa, para aquecê-las, quando o fogo se apagou. A estufa desapareceu. Só lhe ficou na mão um toco de fósforo queimado.

Esfregou outro fósforo, a chama elevou-se brilhante, iluminou a parede, e os lugares iluminados tornaram-se transparentes como um véu. A menina podia ver lá dentro a sala com a mesa pos-

ta: uma toalha alvíssima, coberta de porcelanas finas e, fumegando deliciosamente, um ganso assado, recheado com maçãs e ameixas. E, coisa mais magnífica ainda, o ganso assado saltou do prato e, com o garfo e a faca plantados em suas costas, caminhou até a pobre menina. Mas no momento em que ia alcançá-la, o fósforo apagou-se e ela viu, à sua frente, apenas a parede espessa.

A menina acendeu mais um fósforo e viu-se sentada debaixo da mais bela árvore de Natal. Uma árvore ainda maior e mais bela que a que pudera entrever pela porta envidraçada de um rico negociante, no último Natal. Milhares de velinhas ardiam nos galhos verdes, e figurinhas coloridas, como aquelas que ornamentam as janelas das lojas, inclinavam-se para olhá-la. A menina estendeu as mãos, e o fósforo se apagou. Todas as velinhas de Natal subiam, subiam, e a menina viu-as transformar-se em estrelas cintilantes. Uma delas caiu e deixou um longo rasto de fogo no céu.

"Alguém está morrendo!", disse a menina, pois a velha avó materna, a única pessoa que fora boa para ela neste mundo, mas que já morrera, dizia-lhe sempre que quando uma estrela cai é uma alma que sobe até Deus.

Esfregou outro fósforo na parede. A chama lançou uma grande claridade ao redor, e no meio daquela luz estava a velha avó, radiante e cheia de doçura.

"Vovó", gritou a menina, "leva-me contigo! Sei que vais embora quando o fósforo se apagar. Vais desaparecer como a estufa, como o ganso assado, como a linda árvore de Natal!"...

E ela esfregou apressadamente todos os fósforos que lhe restavam no pacote, pois queria tanto reter a avó. Os fósforos lançavam uma luz brilhante e iluminavam mais que a claridade do dia. Nunca a avó fora tão bela e tão grande: ela tomou a menina nos braços, e em meio ao esplendor e à alegria voou com ela bem alto, bem alto; lá onde não há frio, nem fome, nem angústia... estavam junto de Deus!

No dia seguinte, a manhã gelada encontrou a menina ainda sentada, no canto entre as duas casas, as faces coradas e um sorriso nos lábios. Estava morta... morrera de frio no último dia do ano. A manhã do Ano Novo levantou-se sobre o pequeno cadáver, ainda sentado com seus fósforos, dos quais um pacotinho fora quase que completamente queimado. Ela deve ter querido aquecer-se, disseram os passantes. Ninguém sabia das belas coisas que ela vira, nem do esplendor em meio ao qual ela e a velha avó haviam entrado no Ano Novo.

A ROUPA NOVA DO IMPERADOR

Havia, há muito tempo, um imperador que amava tanto os trajes novos e elegantes, que gastava todo o seu dinheiro para mostrar-se sempre bem vestido. Não se preocupava com seus soldados, nem com o teatro, nem com os passeios de carruagem pelo bosque; sua única preocupação era exibir-se em trajes novos. Tinha um para cada hora do dia, e como se diz de um rei que está em seu Conselho, diziam dele: "O imperador está em seu guarda-roupa!"

Na grande cidade onde morava, a vida era bastante movimentada. A cada dia chegavam numerosos estrangeiros. De uma feita chegaram dois impostores, que se faziam passar por tecelões e sabiam tecer, segundo afirmavam, o mais estupendo tecido que se possa imaginar. Não apenas as cores e o desenho eram de beleza excepcional, mas os trajes feitos com tal tecido possuíam a propriedade mágica de ser invisíveis a todo homem indigno do cargo que exercia, ou cuja imbecilidade ultrapassasse os limites plausíveis.

"Deve ser um traje maravilhoso", disse o rei. "Vestindo-o, poderei descobrir quais são os que

desempenham mal sua função, poderei distinguir os inteligentes dos imbecis! Sim, tecei imediatamente para mim este tecido!" E deu aos dois compadres, como adiantamento, uma grande quantia em dinheiro para que pudessem começar a obra.

Eles montaram dois teares e fingiam trabalhar, mas sem ter fio algum sobre o tear. Haviam, já no início, pedido a seda mais fina e o ouro mais puro, mas, depois de guardá-los dentro de um saco, continuaram a trabalhar sobre os teares vazios, e trabalhavam até altas horas da noite.

"Bem que eu gostaria de saber em que ponto está o tecido", disse consigo o rei, mas a lembrança de que um tolo ou um incapaz nada conseguiria ver despertou nele certo mal-estar. É claro que, quanto a si, nada temia, mas preferia enviar alguém na frente, só para ver como estavam as coisas. Todos na cidade sabiam da virtude milagrosa do tecido, e cada qual ardia de curiosidade de ver a incapacidade ou a tolice do vizinho.

"Enviarei aos tecelões meu velho e competente primeiro-ministro!", pensou o rei. "Ele saberá, melhor que qualquer outro, julgar o aspecto que tem o tecido, pois é um homem de discernimento e ninguém exerce a função melhor do que ele..."

E assim o bravo e velho primeiro-ministro foi até a sala onde os dois compadres se haviam instalado e trabalhavam nos teares vazios. "Deus me acuda!", pensou o velho, arregalando os olhos, "não enxergo nada". Mas isso ele não disse a ninguém.

Os dois pediram-lhe que tivesse a bondade de se aproximar mais e perguntaram se não era belo o desenho e se as cores não eram maravilhosas. E mostravam o tear vazio ao pobre primeiro-ministro, que continuava a arregalar os olhos, sem nada poder ver, pois nada havia mesmo.

"Meu Deus!", pensava ele, "serei então um tolo? Eu jamais o teria pensado e ninguém deve sabê-lo! Serei incompetente em minha função? Não, não posso confessar que não enxergo o tecido!"

— E então, o senhor nada diz? — disse um dos tecelões.

— Oh, como é bonito, como é delicado! — disse o velho ministro, aproximando seus óculos. — Que desenho e que cores! Sim, direi ao imperador que é um deleite para os olhos!

— Ah! ficamos muito felizes — disseram os dois tecelões.

Os dois puseram-se, então, a detalhar o nome das cores e as particularidades do desenho. O velho ministro não perdia uma palavra, para poder repetir a mesma coisa quando voltasse para junto do imperador. E foi o que fez.

A esta altura, os vigaristas pediram mais dinheiro, mais seda e mais ouro para continuar a tecer. Mas guardavam tudo nos bolsos, e nem um único fio foi posto no tear, e continuaram, como antes, a tecer no tear vazio.

O imperador não demorou a mandar outro bravo funcionário, para ver em que ponto estava a obra, e se o tecido ficaria pronto logo. Aconteceu com este o mesmo que com o velho primeiro-ministro: por mais que olhasse e tornasse a olhar, como nada havia sobre os teares vazios, ele nada podia ver.

— E então, não é um belo tecido? — disseram os dois compadres, e ao mesmo tempo mostravam e explicavam o desenho encantador, que não estava ali.

"Tolo não sou", pensou o homem, "serei incompetente em minha função? Palavra, que situação! Mas é melhor que ninguém perceba!" E assim, pôs-se a elogiar o tecido que não via, e assegurou-lhes o prazer que sentia ao contemplar as belas cores e os deliciosos desenhos.

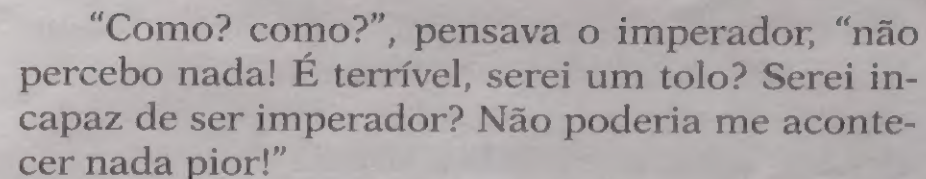
— Sim, sim, não poderia ser mais adorável! — disse ele ao imperador.

Na cidade inteira só se falava do magnífico tecido e o imperador quis vê-lo com seus próprios olhos, enquanto estava ainda no tear. Acompanhado por um séquito de pessoas de alta condição, entre as quais figuravam os dois velhos e eminentes ministros que lá já haviam estado, foi ao encontro da astuta dupla de vigaristas, que fingia tecer com grande empenho, sem ter sequer um fio sobre o tear.

— Não é magnífico? — disseram os dois velhos funcionários. — Veja, Vossa Majestade, que desenho! que cores!

E apontavam com o dedo o tear vazio, pois acreditavam piamente que os outros podiam ver o tecido.

"Como? como?", pensava o imperador, "não percebo nada! É terrível, serei um tolo? Serei incapaz de ser imperador? Não poderia me acontecer nada pior!"

— Oh! — disse em voz alta — é uma beleza perfeita, e tem minha real aprovação!

E balançava a cabeça satisfeito, contemplando o tear vazio, pois não queria dizer que não podia ver nada. Todos os de seu séquito, por mais que olhassem, viam tanto quanto tinham visto os outros, mas repetiam como o imperador: "Oh, é uma beleza perfeita!", e o aconselhavam a vestir-se com aquele novo e magnífico tecido para comparecer à grande procissão que estava próxima. "Que magnificência! Que beleza! Que perfeição!", ouvia-se de boca em boca, e todos se mostravam verdadeiramente encantados. O imperador gratificou cada um dos compadres com uma cruz de cavaleiro, para colocar na lapela, e com o título de nobres tecelões.

Durante toda a noite, véspera da grande procissão, os impostores estiveram trabalhando com pelo menos dezesseis velas acesas. Via-se que se apressavam para terminar o traje imperial. Fingiam tirar o tecido do tear, cortavam o vazio com tesouras enormes, costuravam com agulhas sem fio, e por fim disseram: "Ei-lo, o traje está pronto!"

O imperador veio pessoalmente, acompanhado pelos mais altos cortesãos, e os dois farsantes, levantando o braço no ar, como se segurassem qualquer coisa, diziam: "Vede, estas são as calças,

esta é a casaca, esta é a capa!", e assim por diante. "É tão leve como uma teia de aranha! tem-se a impressão de não ter nada sobre o corpo, mas é justamente nisso que reside a virtude desta roupa."

— Sim, sim — dizia o séquito dos senhores, sem nada poder ver, pois não havia nada.

— Agora, queira Vossa Majestade Imperial ter a bondade de despir-se, — disseram os compadres — e nós lhe vestiremos seu novo traje, diante deste grande espelho.

O imperador tirou toda a roupa, e os compadres fingiram dar-lhe, uma por uma, as peças do novo traje, que diziam ter costurado; fingiram, por fim, prender qualquer coisa à cintura: era a cauda. E o imperador mirava-se e remirava-se no espelho.

"Oh, que traje bem talhado! como lhe cai bem!", exclamavam todos. "Que modelo! que cores! que ricos adereços!"

— Lá fora, já está à espera o pálio que deve ser levado sobre Vossa Majestade, durante a procissão — disse o mestre de cerimônias.

— Sim, estou pronto! — disse o imperador. — Achas que estou bem?

E voltou-se mais uma vez para olhar-se no espelho, pois precisava dar a impressão de que realmente contemplava seu traje de gala.

Os camareiros, que deviam segurar a cauda, apalparam com as mãos o chão, como se levantassem algo e caminharam segurando o vazio, sem ousar deixar perceber que nada viam.

E o imperador avançava assim na procissão, sob o seu magnífico pálio, e a multidão nas ruas e nas janelas dizia:

"Céus! O novo traje do imperador é incomparável! Que cauda esplêndida!". Ninguém queria confessar que nada via, pois isso seria passar por tolo ou incapaz em seu emprego. Nunca um traje do imperador obtivera tal sucesso.

— Mas ele está sem roupa! — exclamou uma criança.

— Pelo céu! ouçam a voz da inocência! — disse seu pai.

E todos puseram-se a sussurrar, um ao outro, as palavras da criança.

— Mas ele está sem roupa! Foi uma criança que disse, ele está nu!

— Ele está nu! — exclamou finalmente a multidão.

E um arrepio percorreu o imperador. Parecia-lhe que as pessoas tinham razão, mas refletiu consigo: "Devo agüentar firme até o fim da procissão". Endireitou-se altivamente e os camareiros o seguiram, segurando a cauda que não existia.

OS CONTOS E FÁBULAS INFANTIS,

com suas luzes puras e suaves, fazem nascer e crescer os primeiros pensamentos, os primeiros impulsos do coração. São também Contos e Fábulas do lar, porque neles podemos apreciar a poesia simples e enriquecer-nos com sua verdade. E também porque eles permanecem no lar como herança que se transmite.

Capa: Rosana Pascale